



Esta casa de cultura pertence a Campinas. Seus integrantes ilustres representam os valores culturais de uma das cidades cujas tradições de inteligência e de criatividade são o respaldo de sua civilização

A MISSÃO CULTURAL DAS ACADEMIAS

Texto de Maurício de Moraes

Academia designa silogeu que reúne personalidades cultas. A origem nasce do grego Akádemos. Quando o herói ateniense revelou a Castor e Pólux, o local onde se encontrava sua irmã Helena, houve a invasão da Ática. Daí surgiu o Jardim Academo, depois Academia sustentada por Platão que juntava seus discípulos para os encontros espirituais da ocasião. No século XVIII, as academias se destinaram a atividades diversificadas, conforme Bluteau explica em sua obra "Prosas Portuguesas", transformando-se em sodalícios outros que não apenas os de literatura, mas de ciências e de artes. De qualquer maneira, integrar uma academia há que ser uma honra, a obtenção consagrada do status intelectual ou científico definido pelo reconhecimento ao espírito fundamentado na cultura, no saber, no valor incontestado que caracterizam o autêntico homem de letras. Ser acadêmico é deter, pelo menos em tese, o mais alto grau de realidade cultural. Quase todos os países do mundo têm as suas academias e se envaldecem delas, assim como as cidades onde o desenvolvimento mental atingiu índice de preeminência. A Academia Francesa, que podemos citar como exemplo, serviu de modelo a muitas outras e inclusive à nossa principal. No Brasil há numerosos cenáculos mais ou menos nos mesmos parâmetros de esquematização e que são centros realmente representativos. Se não acontecer de serem todos os seus membros impecáveis cultores das letras, por naturais descuidos, grande parte, a maioria mesmo, pode ser considerada como legítima concentração de valores da cultura de um povo. Reunem — e é obrigação que o façam — os cidadãos culturalmente bem dotados e se alguns pecados existem, que não podemos nos ater a radicalismos ostensivos, isso é comum em qualquer casa onde se agreguem homens de variados conhecimentos e mesmo os menos constituídos.

Maurício de Medeiros, conhecido médico brasileiro e que pertenceu à Academia Brasileira de Letras, era radical. Dizia: só devem entrar para a Academia os gênios deste País. Não seríamos capaz de ir a tanto, em se tratando, digamos, da nossa Campinense de Letras. Mas não é demais que nos tornemos exigentes e irremovíveis em nossos propósitos de assegurar ao máximo, a integridade cultural de nosso sodalício. A ser radicais, poderíamos cometer pecados semelhantes àqueles precipitados pelos acadêmicos gauleses. Pois

no foyer na Academia Francesa, a quem teve a ventura de conhecê-la, está assim gravado no busto de Molière: "Rien ne manque à la gloire, il manque à la nôtre", ou "Nada falta à sua glória, mas ele falta à nossa". Pois se fizeram de maneira exigente os imortais de França que — incrível — não chegaram a ocupar suas cadeiras, o próprio Molière, além de Marivaux, Stendhal, Chénier, Flaubert, Zola e Baudelaire!

ILUSTRAÇÃO

Nem todas as academias, permanentemente, têm seus quadros completos. Às vezes, até nos centros culturais mais florescentes, há dificuldades em completar um cenáculo. Porque os valores devem ter o imprescindível coroamento à imortalidade literária. Na Academia Francesa, quando a presidia Alphonse DauDET, dos 40 membros, havia 5 poltronas não ocupadas, segundo documentos da época. E não faz muito, acadêmicos se alvorocaram face à candidatura de Maurice Druon, o autor do grande livro "O Menino do Dedo Verde", obra-prima da literatura. É óbvio que não iríamos à cata de gênios que estes não vicejam à beça. Não quer dizer, porém, que tenhamos que ser benignos, afáveis e ávidos para preencher vagas que estas podem muito bem esperar, se for o caso.

Excesso de zelo não merece crítica. É dever, não de causa pessoal, mas de dogma cultural. Porque é necessário respeito à dignidade da cultura, assim como é do cientista enaltecer a ciência.

A CAMPINENSE

É imensa a responsabilidade que pesa sobre os 40 acadêmicos que constituem o cenáculo fundado por Francisco Ribeiro Sampaio. É dever de cada acadêmico a intransigente defesa dos foros citadinos da cidade culta e cujos filhos têm ratificado, através da história, o fato de que Campinas merece o maior respeito com relação ao seu passado, em cuja oportunidade culminaram eminentes jornalistas, escritores, poetas (um deles elevado à suprema curul de príncipe deles no Brasil), musicistas, homens de ciência (Hércules Florence que, embora francês, fizera de Campinas sua própria terra) e espíritos que firmaram o pedestal de cultura e de inteligência campineiras.

Estamos diante de mais uma eleição para escolher substituto ao insigne acadêmico Hilton Federici, um edificador de idéias, educador, homem de história e que deu de sua capacidade ao maior enobrecimento cultural de nosso povo. Por isso, a nós campineiros, compete nos cuidar com senso daquilo que nos pertence e mais do que aos acadêmicos, pertence a Campinas, à gente campineira que uma academia não é propriedade de 40 cidadãos que, efemeramente, detêm cadeiras em seu plenário. Ela é do povo. E ainda porque, fazendo respaldo à sua existência, estão, como disse-

mos, as tradições da urbe. E as responsabilidades acadêmicas chegam ao reconhecimento do próprio presente, envolvem-se no atendimento aos estudantes universitários, aos intelectuais e cientistas, aos homens públicos que se integram no programa da grande metrópole.

RESPONSABILIDADE

Cada acadêmico detém o laurel da responsabilidade perante a história cultural de Campinas. Não apenas a auto-afirmação consciente dos seus deveres. Caso não corresponda à missão que lhe foi confiada, deve ser responsabilizado por decisões que tome. A curul acadêmica só pode ser ocupada por quem de direito, por justiça. Por isso que é de se lamentar o que ocorreu recentemente na Academia Brasileira de Letras. Preteriu-se um homem de letras, com uma bagagem literária de consistência inegável, autor de um trabalho antológico, "O Feijão e o Sonho", a um político de qualidade discutível e cuja presença na literatura brasileira se espelha em discursos ou ensaios e poesia de relativa recomendação.

Esses têm sido os pecados acadêmicos. Que não devem ser repetidos, dependendo, óbvio, de nosso comportamento diante das obrigações que nos impõem as responsabilidades de quem fez jus a uma das cadeiras do silogeu. Quanto ao autor destas notas — uma vez que substitue a um dos grandes vultos da inteligência e da cultura desta cidade e que foi o prof. Benedito Sampaio — só se pede que cumpra a sua dignidade acadêmica, votando conforme sua consciência e humildade, naquele candidato que lhe pareça ajustado às medidas da casa.

DESPRETENSIOSAMENTE

Longe de pretender este articulista ensinar Pai Nosso ao vigário ou se colocar além da chinelos. Daí serem estas dissertações o desejo de lembrar que não há nada como os frutos sadios colhidos à fonte da consciência. Se uma academia — como a Campinense — elege seus novos pares pelo voto secreto — que sufraguemos os legítimos aspirantes, sem interferência de coração ou arrepios de sentimentalismo. Pois é grande a responsabilidade. E que cada acadêmico deve pagar se tiver o cochilo de eleger, ao siste "quebra galho" brasileiro, o candidato de currículo insuficiente.

Aproximamo-nos da hora em que iremos escolher o novo acadêmico à vaga de uma casa de magnífica sede, considerada uma das mais belas deste País e onde, sejamos justos, despontam valores inegáveis da cidade — poetas, historiadores, conferencistas, escritores e cientistas. E se as academias são monumento de cultura, cumpre-lhes pautar jure et facto o seu compromisso com o saber, desde que é essa a sua concepção meritória e digna.